

TV CULTURA - A SAÚDE COMO PRIORIDADE DA TV PÚBLICA

Simone Terezinha BORTOLIERO
Professora no Curso de Jornalismo da
PUC-Campinas

RESUMO

Este artigo faz um resgate histórico dos programas de Saúde produzidos pela TV Cultura de São Paulo na década de 80 até meados dos anos 90. Os dados foram coletados por meio de entrevistas junto a produtores e jornalistas da emissora, no campo da pesquisa qualitativa, para tese de Doutorado cujo título é “Os programas de Saúde da TV Cultura de São Paulo: os Saberes Profissionais”. O relato desses profissionais, além de contribuir para tornar claro suas concepções sobre saúde/doença, permitiu recuperar os processos de produção de programas como: “Receita de Saúde”, “Programa de Saúde” e “Aids: perguntas e respostas”.

Palavras-chave: TV Cultura de S. Paulo. Programas de Saúde Saberes Profissionais.

ABSTRACT

This article makes a historical recovery of the Health programs produced by the State from the 80s to the early 90s. The data were collected by means of interviews with television channel

TV cultura - a saúde como prioridade da TV pública

producers and journalists. A qualitative analyses of the data was made for the Phd theses entitled "The reports made by these professionals helped us recover the production processes of programs such as: "Health Recipe", "Health Program" and "Aids: questions and answers". Such reports also contributed to explicit the conceptions about *health/sickness*.

Key-words: *São Paulo Cultural TV. Health Programs. Professional Knowledge.*

As experiências diárias dos profissionais de comunicação - principalmente jornalistas, que atuam com Saúde na mídia brasileira, às vezes se perdem no universo quase que intransponível do saber científico. No campo teórico, discutimos quase sempre as dificuldades do profissional quanto à linguagem utilizada pelo especialista. Os relatos de experiências bem sucedidas na divulgação do tema Saúde pela TV, transformados em artigos, são poucos.

No Brasil, nas duas últimas décadas, estão se configurando novas linhas de pesquisas que envolvem a aplicação de métodos das ciências sociais no campo da saúde coletiva. Nessa reconstrução teórica, surgem como elemento de intervenção não apenas as políticas de Educação em Saúde, de Comunicação para a Saúde, mas também as análises sobre a produção da informação em Saúde. No âmbito mundial, as discussões sobre Educação em Saúde são bem mais antigas e quando associadas à Comunicação acabam estimulando e encorajando os cidadãos a planejar sua própria saúde.

A idéia de "ensinar saúde ao povo", "promover a saúde" e "prevenir a doença" está associada à necessidade de combater a ignorância. Foram muitos os esforços, no final do século passado, para divulgar informações e orientações em saúde.

A atuação de diferentes profissionais no trato da Saúde vem mostrando pelos séculos que são muitos os saberes que se entrelaçam: "*essa área do saber fundamenta um âmbito de práticas transdisciplinar, multiprofissional, interinstitucional e transetorial*" (PAIM, 1998: 310).

Muitas pesquisas almejam, no campo da Comunicação e Saúde, modificar práticas, hábitos e comportamentos, associados às práticas médico-sanitárias. A mudança de comportamento se daria por informações no campo da prevenção, atraindo o consumidor para ser mais participativo. Esse tipo de visão

Simone Terezinha BORTOLIERO

ainda tem sido muito utilizado nas práticas de Comunicação em Saúde. Já no início dos anos 90, desde a implantação do Sistema Único de Saúde - SUS e da nova constituição de 88, tem se discutido maior acesso à informação. Mas de que forma a Saúde tem sido discutida pelos veículos de comunicação?

A partir da década de 80, estamos assistindo, pelo noticiário nacional das redes de Televisão no Brasil, à situação de “caos” no sistema de saúde pública, à volta de doenças endêmicas (dengue, malária e cólera) em diferentes regiões do país, às mortes de pacientes durante tratamento de hemodiálise em Caruaru, à morte de idosos em clínicas no Rio de Janeiro, às cenas dos corredores dos pronto - socorro sempre lotados em cidades de grande porte, ao assassinato de pacientes dentro dos hospitais. Os telejornais diários utilizam um discurso com ênfase em denúncias sobre o descaso no atendimento hospitalar público, além de divulgar a “espetacularização” da doença, em detrimento de informações que possam cobrar maiores investimentos no campo da prevenção e de infra-estrutura que possibilitem água e esgoto para as regiões mais carentes do país.

A mídia, ao priorizar a doença em detrimento da saúde, colabora de maneira irresponsável para ampliar o “caos da saúde” no país. Para Mendes (1997), “a mídia nacional cria um ‘aqui, agora’ sanitário por onde se vem construindo no imaginário social, a idéia do **caos da saúde**”. Dessa forma, o cotidiano da mídia vem se sustentando quase que exclusivamente pelos escândalos nos serviços públicos, servindo como área e campo privilegiado para a produção de polêmicas, às vezes sem importância para o panorama da saúde pública.

Na opinião de vários jornalistas, experientes no campo da saúde, há outros problemas, como: os saberes que se cruzam nos programas de entrevistas são antagonicos, os telejornais divulgam tecnologias sofisticadas no lugar de informações preventivas, há uso excessivo de jargão científico pelos médicos (polêmica discutida no campo da Comunicação Científica e Tecnológica), a imprensa produz a “espetacularização da doença” e valoriza o sensacionalismo, além da falta de ética dos profissionais da Saúde e da Comunicação na escolha do que deve ser veiculado, principalmente se verificarmos o conteúdo de programas como o do Ratinho pelo SBT.

Pesquisas e estudos multidisciplinares em Comunicação e Saúde questionam os modelos adotados pela mídia, resgatando a interface dos veículos com o sistema de saúde implantado no país nas últimas décadas. Sem dúvida, isso possibilita conhecer as fronteiras entre os dados da epidemiologia no Brasil e a

TV cultura - a saúde como prioridade da TV pública

estreita ligação desse campo como fonte de informação constante para os veículos de massa. Porém, isso não nos garante afirmar que o mesmo modelo tenha sido reforçado pelas televisões educativas e culturais no Brasil.

Entre estudiosos da Comunicação há posições semelhantes quanto à importância da divulgação diária de informações sobre Saúde para minimizar alguns sofrimentos entre os brasileiros, mas também há outras vertentes que afirmam que a veiculação por si só não é suficiente. Para os especialistas da Saúde, o problema não se resolve com a boa vontade dos meios ou com competência no trato desse tipo de informação. Há problemas de ordem estrutural e a gravidade da Saúde no Brasil está associada ao contexto de uma nova ordem econômica, recentemente agravada pelo neoliberalismo.

Esse novo campo de pesquisa, junto à Comunicação, traz “luz” sobre a responsabilidade dos meios com aquilo que se convencionou chamar de público, e fortalece a visão de que é necessário continuar divulgando a Saúde dentro da agenda semanal das programações da emissora, e não somente dentro do formato do telejornalismo brasileiro que luta pela audiência.

Outro aspecto são os trabalhos de cunho acadêmico e científico, e os de relatos de experiências de jornalistas na cobertura de Saúde que convergem, em sua maioria, para análise dos veículos comerciais, que detêm sem dúvida nenhuma parcelas maiores de audiência (jornais e revistas de grande circulação nacional e TVs comerciais, como a Globo, SBT, Bandeirantes e Record).

Nesse universo das “tragédias humanas”, de “dramas”, de “espetáculos sobre a pior doença” é quase impossível verificar experiências bem sucedidas no campo da Comunicação e Saúde.

O presente trabalho faz esse recorte, quando resgata a memória e as experiências positivas da TV Cultura de São Paulo ao veicular programas de saúde nas últimas duas décadas.

As contribuições da TV Cultura de São Paulo para a Saúde Pública, podem ser consideradas como experiências inovadoras a partir da metade dos anos 80, época de uma ‘guinada’ da emissora e de sua conquista pela audiência. Existe, do ponto de vista histórico, a constatação de que o conceito de TV pública, abordado pela nova direção junto à Fundação Padre Anchieta em 1986, contribuiu de forma explícita para que o tema Saúde passasse a ser uma das prioridades na nova programação.

Desde o surgimento da TV Cultura de São Paulo em 16 de junho de 1969, a audiência tem sido de um público diferenciado culturalmente. Somente

Simone Terezinha BORTOLIERO

no início da década de 80, um processo de modernização, oriundo de maiores recursos financeiros de fora do sistema estatal, possibilitou inovação tecnológica, elevando ainda mais a qualidade dos programas. Durante a administração do governo de Franco Montoro, surgem mudanças na Fundação Padre Anchieta. Em 1986, sob a direção de Roberto Muylaert, inicia-se uma ampla discussão sobre conceito de emissora pública, cujo objetivo principal é manter uma estreita ligação com a comunidade e com a sociedade civil.

“Lave as mãos para não contrair cólera”. Campanhas como essa não teriam sentido se a TV Cultura continuasse a atingir somente um público de nível elevado culturalmente. Significava que, em meio a um discurso de uma TV diferenciada das comerciais, existia um problema crucial a ser resolvido na prática. No final dos anos 80, são realizadas pesquisas na grande São Paulo, que permitem à emissora analisar a falta de penetração em bairros da periferia. Com baixo poder de alcance, foi necessária a construção de um novo transmissor em local apropriado, para que campanhas dessa natureza e os programas de cunho social atingissem verdadeiramente as classes C, D, e E. Já em 93, o universo de telespectadores nessas classes sociais somavam 54%, enquanto as classes A e B se tornavam minoritárias. Com uma mudança significativa de audiência, a TV Cultura de São Paulo se consolidava como uma emissora preocupada com a comunidade.

Mas isso ocorreu somente em 15 de março de 1992, data da instalação da nova antena, dobrando os índices de audiência da emissora. A partir desse período conquistou os telespectadores da periferia de São Paulo, enfatizando o alto nível de qualidade da programação. Enquanto a TV Cultura atingia a periferia de São Paulo, diminuía os espaços dos programas específicos sobre Saúde, tanto devido à crise financeira no início da década de 90, quanto à opção em atingir um público infanto-juvenil.

Nas publicações da emissora, o tema Saúde é descrito somente em 1989, período de lançamento da revista CULTURA 20 ANOS, realizada pela Fundação Padre Anchieta.

Alguns programas de Saúde, com horários e dias fixos foram veiculados entre 85 a 93, tais como: *Receita de Saúde, Programa de Saúde, Plantação de Saúde, Aids: Perguntas e Respostas*, entre outros.

TV cultura - a saúde como prioridade da TV pública

1985 - no ar “Receita de Saúde”

Ainda em 1984, havia exibições dos programas em videotape para os censores da divisão de censura federal. É nesse mesmo ano que encontramos registros de uma relação de programas, “*Palavra de Mulher*” e “*Receita de Saúde*”, com 23 produções, veiculados de 27 de março de 1985 a 17 de fevereiro de 1986. Os programas tinham aproximadamente 17 minutos de duração em formato quadruplex. Com custo baixo e equipe reduzida, ficavam sob responsabilidade de Celso Hatori, que dirigia, roteirizava e produzia. O programa, todo editado numa linha de documentário, não contava com a participação de jornalistas e se baseava em depoimentos de especialistas.

A série “*tinha o objetivo de difundir princípios básicos de saúde, além de orientar o espectador a preservar-se de doenças, ensinar o doente a conviver com sua doença e a minimizar sofrimentos*”. (TV Cultura, 1985)

A série evitava as novidades médicas e divulgava orientações comprovadamente científicas, não havendo espaço para o saber popular e a medicina alternativa. Havia grande preocupação com a linguagem utilizada, desprovida de termos tecno-científicos. A responsabilidade sobre o conteúdo era do diretor científico do programa, o médico Irany Novah Moraes, presidente da Academia de Medicina de São Paulo e integrante do conselho de curadores da Fundação Padre Anchieta.

A linha adotada nessa série não foi além da prática preventiva preditiva dentro da saúde pública conhecida no país. Acaba informando as medidas preventivas e seus efeitos, ao invés de apontar para uma saúde coletiva capaz de “propor reflexões”.

Ligado ao Departamento de Jornalismo aparece também o *Palavra de Mulher*, que já tratava da saúde de forma esporádica. Para a programação em saúde, o ano de 1987 marca três momentos importantes:

- Transmissão de boletins informativos ao vivo na *Campanha de Vacinação Anti-Pólio*.
- Produção da série *Programa de Saúde*, em colaboração com a Secretaria de Saúde.
- Criação e produção da *campanha do Sarampo*.

Simone Terezinha BORTOLIERO

O processo de democratização no Brasil viabilizou mudanças nas direções das principais emissoras educativas do país, gerando maior parceria entre as educativas e públicas. Também é nesse ano que a TV Cultura investe na linguagem gráfica da programação, um dos itens de maior exigência da TV moderna até os dias atuais.

Em 1988 novos investimentos em **Saúde**:

“Iniciamos em 1988 uma série de ações que terão grande repercussão em 89: a **IIª Teleconferência Internacional de Aids** do Rio de Janeiro, transmitida para todo o mundo pela Cultura”. (TV Cultura, 1985)

O acontecimento, porém, ocorreu no final de 88, quando a TV Cultura foi contratada pela OPS e pelo Ministério da Saúde, transmitindo a Teleconferência para mais de 40 países. Continuou produzindo boletins de interesse público sobre a campanha de vacinação anti - pólio e, dentro do programa semanal “Repórter Especial”, realizou o programa “**Cinco anos de Aids no Brasil**”. Esse programa ganhou o prêmio Wladimir Hersog, como o melhor de pesquisa de 88 pela APCA, do sindicato dos jornalistas de São Paulo e ainda um prêmio especial em Cuba.

Também, nesse mesmo ano, é veiculado o “**Programa de Saúde**”, a mais importante e longa série a tratar dessa temática na TV Cultura de São Paulo. Em convênio com a Secretaria de Saúde de São Paulo, a série divulgou assuntos ligados à prevenção de doenças, qualidade de vida e ao atendimento nos postos de saúde e hospitais da rede pública.

O “**Programa de Saúde**” tratou de temas tão relevantes que serviu como fonte de informação e pautas confiáveis para outras emissoras do país. Outro aspecto geral é sua receptividade junto ao público, que através de cartas e telefonemas mantinham com a produção do programa estreita ligação, solicitando reprises.

Há duas fases nessa série: a primeira foi patrocinada pela Secretaria de Saúde e veiculou temas preventivos, curativos, porém assessorados pela visão da medicina tradicional. O público era amplo, mas as cartas enviadas à produção confirmavam um público na 3ª idade, além de mulheres e crianças.

A segunda tem início em 91 e vai até meados de 93, sem o apoio da secretaria, quando passa a ser chamada de “**Saúde**”. Ocorre mudança na direção dos programas e os temas apresentados pela 1ª vez divulgam de forma sistematizada as terapias da medicina alternativa, homeopatia, acupuntura, além

TV cultura - a saúde como prioridade da TV pública

da saúde mental associada aos grandes centros. A série "*Saúde*" produziu aproximadamente 30 programas, ao vivo, com uma média de 30 minutos de duração, sendo veiculados a partir das 18 horas.

1989. Um ano excepcional para a Saúde na Cultura. Iniciado em abril (22/04/89 até 17/02/90), o projeto "*Plantão de Saúde*", também patrocinado pela Secretaria de Saúde, foi o primeiro programa da emissora direcionado ao treinamento e reciclagem dos funcionários da rede de saúde pública do estado e teve por objetivo, em sua 1ª fase, orientar o público sobre o funcionamento do Sistema Unificado de Saúde -SUS e discutir com os profissionais de saúde a descentralização. A 2ª fase representou um canal de diálogo ao vivo, com os usuários dos serviços e com os profissionais de saúde.

Nas séries estrangeiras, a *Saúde* esteve presente, com: "*A coragem de errar*", sobre os pioneiros da cirurgia moderna, "*Os micróbios e o Homem*", sobre a vida e as experiências dos homens que criaram vacinas e desenvolveram o controle das infecções bacteriológicas, "*As artes da Cura*", sobre medicina alternativa no Mundo. (TV Cultura, 1989: 48).

Em 1990, a mulher foi beneficiada com a produção de 10 módulos sobre "Saúde da Mulher". No campo preventivo, o vídeo educativo de 10 minutos sobre prevenção do "*Cólera*" foi exibido em postos de saúde, associação de bairros e escolas.

Em abril, pela 1ª vez na história da TV Brasileira, a TV Cultura passou a veicular em sua programação, informações instantâneas ("hard-news"), notícias quentes, veiculadas no formato de telejornal, com duração média de 5 minutos, durante as tardes e noites. Entre os programas jornalísticos, há o Repórter Especial sobre "*A Droga da Aids*" e na linha dos estrangeiros, foram veiculados "*Câncer I e II*".

A saúde também esteve presente na programação especial como "*Semana de Prevenção à AIDS*" e no espaço reservado para séries culturais e científicas com o programa "*O Século da Saúde*".

A crise financeira do estado repercute na TV Pública. Ocorre um aumento da veiculação de produções estrangeiras em relação ao ano anterior e com a ajuda de empresas há uma melhoria na produção visual de vários programas. Apesar da crise, implanta-se a nova torre de transmissão, há aumento de audiência e muitos programas são premiados.

1992 - ano histórico - mais de um milhão de casas ligadas em programas educativos na maior capital do país

Ano histórico para o Brasil: impeachment de Fernando Collor de Melo.

Ano histórico, também, para a TV Cultura de São Paulo. Com a inauguração do novo transmissor e aumento da audiência nas camadas pobres, mais de um milhão de casas, numa medida do Ibope, estiveram ligados na TV Cultura, só na capital, assistindo a um programa educativo. Os objetivos da TV Cultura, enquanto rede preocupada com a comunidade, estavam sendo alcançados, além de prestígio e credibilidade.

Um ano repleto de novidades na programação. Estréia do 1º telejornal diário da TV especializada em assuntos sobre meio ambiente e ecologia, com 4 edições diárias de 3 minutos de duração - no ar - *Repórter ECO*.

1º Programa permanente sobre Aids na TV brasileira

Em 27 de julho, estréia o interprograma *Aids - perguntas e respostas* (boletins diários sobre a doença), “o primeiro espaço permanente na televisão brasileira dedicado a informar a população sobre esta doença”, além da série de 5 módulos de 1 minuto sobre *Prevenção de acidentes domésticos com crianças*.

Quase 10 anos depois do surgimento dos primeiros casos de Aids, a emissora teve a ousadia de se propor ao esclarecimento de questões básicas e à divulgação de informações para o maior número de pessoas, pois já era sabido que a Aids não atingia apenas os chamados grupos de risco, tão propagados pelo jornalismo eletrônico. O programa realizado em estúdio, com 3 minutos de duração, era produzido para ser veiculado entre os programas da emissora. Esses boletins, chamados de “pílulas”, trouxeram dados importantes sobre formas de prevenção, contágio, sintomas, exames e tratamentos; tinham o formato de reportagens e entrevistas em estúdio, apresentadas pela jornalista Maria Luz Lins.

O programa *Aids: perguntas e respostas* foi veiculado no período em que o Brasil liderava o ranking de portadores do vírus. Já havia cerca de 25 mil casos em todo o País até maio de 1992 e as estimativas apontavam 700 mil pessoas portadoras da doença sem saber que estavam contaminadas.

Também no campo da saúde, estréia o documentário “*Ivo Pitanguy, o outro lado do espelho*” além da finalização da série *ENERGIA*, constituída de 52 programas de 30 minutos cada.

TV cultura - a saúde como prioridade da TV pública

1993 - Prevenção de acidentes domésticos ganha prêmio internacional

A TV Cultura, que até então dependia da TVE do Rio para veicular seus programas em nível nacional, conquista nesse ano um canal do satélite Brasilsat A-2. Surge a Rede Cultura de Televisão.

Novamente a *Saúde* teve espaço na programação. Estréia a série **ENERGIA** - sobre os benefícios da atividade física planejada e bem orientada para a melhoria da qualidade de vida. Tem início uma fase de veiculação de temas alternativos no campo da saúde. São realizados os 10 programas finais da série semanal "*Saúde*" e a TV Cultura produz um episódio da série estrangeira alemã chamada "*Medicina Tradicional*".

A série **Perigo! Perigo! Perigo! - prevenção de acidentes domésticos** é uma das vencedoras do Prêmio Japão, um dos mais importantes prêmios internacionais, tendo também recebido a medalha de ouro no Festival de Cinema e TV de Nova York.

São iniciadas as produções de 6 novos projetos, entre eles: "**Os pioneiros da Saúde**"- programa sobre a luta de cientistas como Oswaldo Cruz, Adolfo Lutz, Vital Brasil, Carlos Chagas e Emilio Ribas.

Em 1994, a grande surpresa para a Saúde foi a mudança editorial ocorrida no *Jornal da Cultura 60 Minutos*, priorizando maior enfoque para as áreas de saúde e educação, com realização de matérias especiais. Durante o ano foram produzidas e veiculadas mais de 100 matérias sobre Saúde, além de cerca de 30 somente sobre o aumento da Aids. Vários personagens do X-Tudo realizaram chamadas para **Campanhas de Vacinação**.

Em 1995, o Relatório de Atividades Anuais da TV Cultura passa a ser assinado pelo novo Presidente da Fundação Padre Anchieta, Jorge da Cunha Lima. É conhecido como o ano da crise e a Saúde aparece diluída, mas se mantém no telejornalismo da emissora.

No panorama nacional e internacional os avanços tecnológicos na Comunicação foram imensos. A multiplicação de canais, pelas TVs a Cabo, Direct TV, Pay TV, acesso à Internet e a processos digitais de imagem, segmentaram o público. A crise impossibilitou que a TV Cultura desse saltos tecnológicos, como outras emissoras do país assim o fizeram.

No campo da *Saúde*, os programas de jornalismo continuaram a tratar de diferentes assuntos de interesse da população. A Aids foi pauta para muitas

Simone Terezinha BORTOLIERO

matérias do *Jornal da Cultura* e foi discutida dentro do *Opinião Nacional*. Dentro do *Roda Viva*, o jornalista Matinas Suzuki entrevistou o Ministro da Saúde, na época, Adib Jatene.

O *Jornal da Cultura 60 minutos* teve equipe reduzida e sofreu várias reformulações. Realizaram reportagens especiais, amplas e profundas, de interesse da população. "São reportagens que tem obtido grande repercussão por discutir mais seriamente assuntos que em outras emissoras recebem tratamento superficial, ou, às vezes, nem merecem atenção" (Cunha Lima). Na área de saúde, temos exemplos como: campanha de doação de órgãos, dependência de café e cigarro pelo organismo, câncer infantil e cuidados com a gravidez, foram temas de pautas.

Diferente dos relatórios anteriores, em 1996 o relatório de Atividades é um balanço sobre a crise na emissora. Consolida-se a participação do estado com uma verba anual de 45 milhões para o ano seguinte. Apesar de um ano praticamente sem estréias, as crianças ganham com o premiado COCORICÓ (prêmio da Associação dos Críticos de Arte como o melhor infantil de 96) e a *Saúde* ganha também com o surgimento do programa alternativo - *LIANGONG* - sobre ginástica terapêutica chinesa que auxilia na harmonização e em tonificar pessoas tensas e sedentárias. Essa série é composta de 7 programas de 30 minutos.

Em comemoração aos 5 anos no ar, o *Jornal da Cultura 60 minutos* faz matérias especiais sobre o avanço da Aids no país. Esse tema também é tratado novamente no *Jornal da Cultura* - telejornal noturno -, tendo dedicado uma semana inteira ao tema da Aids. No *Opinião Nacional*, o tema Saúde foi enfocado com reportagens especiais sobre o problema das drogas, convidando ex-dependentes e psiquiatras para debater um assunto em evidência neste final de século.

Enquanto definitivamente os temas de *Saúde* perderam espaço nas produções próprias da emissora, junto ao departamento de ensino da emissora, o jornalismo passou a tratar o assunto em profundidade. O *Jornal da Cultura* veiculou temas relacionados à saúde pública, discutindo o ressurgimento de várias doenças, antes consideradas sob controle. Enfocou temas polêmicos como aborto, educação sexual nas escolas, drogas em geral, particularmente crescimento abusivo do consumo de álcool, especialmente entre os jovens. Relatou experiências positivas sobre a humanização de partos e cuidados preventivos para redução de riscos durante a gestação.

Mesmo em tempos de crise financeira, a emissora passa a abordar a temática *Saúde* no interior de alguns programas ao longo do dia. Prova disso,

TV cultura - a saúde como prioridade da TV pública

está em - *Turma da Cultura* - programa voltado para discutir temas de interesse dos adolescentes. Os relatórios de edição indicam que, entre 1997 e 1998, foram produzidos para Turma da Cultura 285 programas. Outra política adotada desde 98 foi veicular produções no campo da *Saúde*, realizadas por produtores independentes nacionais ou internacionais, além de reprisar programas como *Energia e Liangong*.

Para os profissionais de comunicação da TV Cultura, responsáveis pelas séries "Receita de Saúde", "Programa de Saúde" e "Aids: Perguntas e Respostas", a emissora deverá encontrar mecanismos para continuar a produção de programas que tratem da *Saúde* como um direito à cidadania no século XXI. Atualmente a TV Cultura de São Paulo e a TVE do Rio de Janeiro formam, durante 6 horas diárias, a Rede Pública de Televisão, como uma forma de possibilitar que seus programas priorizem qualidade. A busca por novos patrocinadores pode ser uma saída para que a Saúde continue sendo prioridade para a emissora paulista.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, P.C. *A experiência da enfermidade: considerações teóricas*. Cadernos de Saúde Pública, 9(3) 263-271, jul/set., 1993.
- ATKIN, C. E Wallack. *Mass Communication and Public Health. Complexities and Conflicts*. Newbyry Park, CA: Sage Publications, 1990.
- BELTRÁN, L.R. *Salud y Comunicación en Latinoamérica. Políticas, Estratégias y Planes*. OPS/Organización Panamericana de la Salud y Organización de las Naciones Unidas para la Educación, la Ciencia y la Cultura. Serie documentos de trabajo: Quito, 6-7 septiembre de 1993.
- BUDGE, E.C. *Comunicación y salud: lecciones y experiencias - notas para una discusión* in: OPS/OMS/UNESCO. *Por una política de comunicación para la salud en America Latina*. Quito, Equador, 1994.
- BUENO, Wilson da Costa. *Jornalismo e Saúde: Reflexões sobre a Postura Ética dos Meios de Comunicação no Brasil*. Rev. Comunicação & Sociedade. Ano XII, nº 20, p.125-134.
- CIESPAL. *Medios, Comunicación y Desarrollo*. Quito. Ediciones Ciespal, vol 12, 1993
- CRUZ, Dulce M. *A Nova TV Cultura de São Paulo: A TV Pública entra na Modernidade*. UFSC, 1995. (mimeo).

Simone Terezinha BORTOLIERO

- DANIELLO, José Antonio (coord). *Aprimorando a efetividade das campanhas antidrogas na televisão*. Comunicação & Sociedade. Ano XIII, nº 23, p 51-84.
- FAYARD, P. *La communication publique*. Chr. Sociale, Lyon, 1988 (trad).
- FERRY, Jean-Mar. *El Nuevo Espacio Publico*. Barcelona: Gedisa, 1992.
- FOX, Elizabeth y otros. *Comunicación y Democracia en America Latina*. Lima, Desco, 1982.
- GUIMARÃES, R. Tavares, (org). *Saúde e Sociedade no Brasil - anos 80*. Rio de Janeiro: ABRASCO/IMS-UERJ/ Relume Dumará, 1994.
- HERZLLCH, C. *A problemática da representação social e sua utilidade no campo da doença*. Physis, vol. 1, nº 2, 199 , pp.23-36.
- LAPLANTINE, François. *Antropologia da Doença*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- LUZ, M.T. *Notas sobre as políticas de saúde no Brasil de transição democrática - anos 80*. Revista Physis nº 1, Rio de Janeiro: IMS-UERJ/ Relume Dumará, 1991.
- MENDES, E.V. *As políticas de saúde no Brasil nos anos 80: a conformação da reforma sanitária e a construção da hegemonia do projeto neoliberal*. In: *Mendes, E.V (org) Distrito sanitário: o processo social de mudança das práticas sanitárias do Sistema Único de Saúde*. São Paulo/Rio de Janeiro: Hucitec/Abrasco, 1993.
- MINAYO, M. C.S. *O desafio do conhecimento - pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo/Rio de Janeiro: Hucitec/Abrasco, 1992.
- _____. *Abordagem Antropológica para avaliação de políticas sociais*. Revista Saúde Pública, S.Paulo, 25(3):233-8, 1991.
- PITTA, Aurea M. Da Rocha (org.). *Saúde & Comunicação - visibilidades e silêncios*. São Paulo: Hucitec, 1995.
- TV CULTURA. *Revista 20 anos*. São Paulo: 1989.